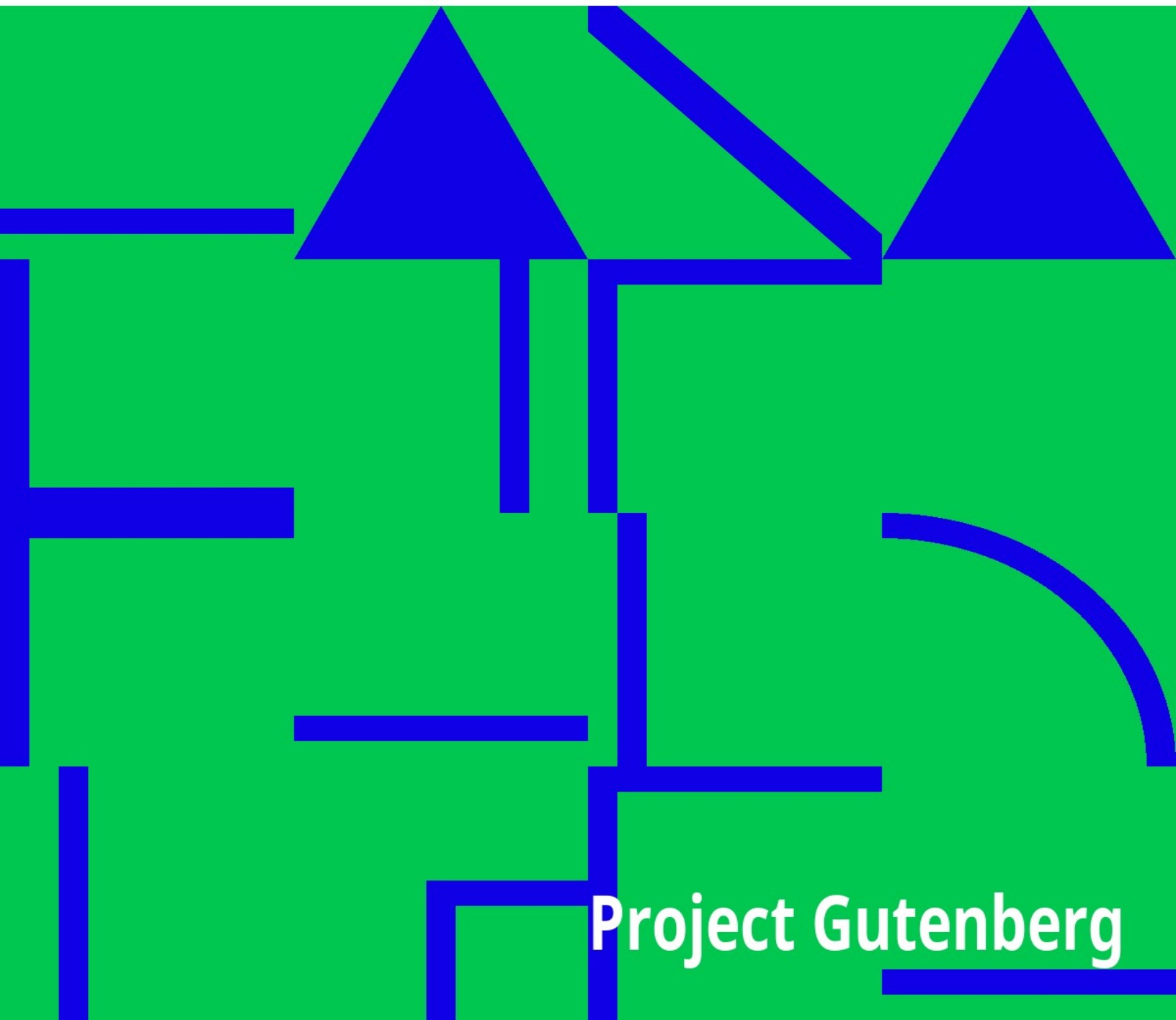


Ramalho Ortigão

Hemeterio Arantes

An abstract geometric pattern composed of thick blue lines and triangles on a green background. The pattern includes horizontal, vertical, and diagonal lines, as well as two large triangles pointing upwards. A curved blue line is also present on the right side. The pattern is partially obscured by text at the top and bottom.

Project Gutenberg

The Project Gutenberg eBook of Ramalho Ortigão

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Ramalho Ortigão

Author: Hemeterio Arantes

Release date: November 12, 2010 [eBook #34292]
Most recently updated: January 7, 2021

Language: Portuguese

Credits: Produced by Mike Silva

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK RAMALHO
ORTIGÃO ***

HEMETERIO ARANTES

RAMALHO ORTIGÃO

1915

LIVRARIA FERREIRA
FERREIRA L.^{DA}—EDITORES
132-138, Rua do Ouro, 132-138
LISBOA

RAMALHO ORTIGÃO

DO MESMO AUCTOR

Livro de Maria (versos)—1898

Frei Agostinho da Cruz—1909

A PUBLICAR

Mundo de Christo

(Pessoas e Casos)

HEMETERIO ARANTES

RAMALHO ORTIGÃO

1915

LIVRARIA FERREIRA

FERREIRA L.^{DA}—EDITORES

132-138, *Rua do Ouro*, 132-138

LISBOA

Imprensa Libanio da Silva, Travessa do Fala-Só, 24—Lisboa

A dois dos «Vencidos da Vida»

Os Senhores

Conselheiro Antonio Candido

e

Conde de Sabugosa

{7}

SENHORES:

A Vós, meus senhores e amigos, que sois, com o grande poeta Guerra Junqueiro e o illustre diplomata Marquez de Soveral, os derradeiros sobreviventes d'uma selecta companhia de homens-de-lettras e homens-do-mundo: é a Vós que eu me permitto offerecer este palido e leve estudo—ephemero artigo de indole folhetinesca—sobre determinada feição da personalidade litteraria de um dos Vossos.

Eu creio que ninguem, melhor do que Vós, avaliará o intuito admirativo e piedoso d'estas paginas de critica facil em que a exegese subjectiva quasi que completamente desapareceu para dar lugar á palpação material ao *facto* litterario que mal encobre, na maioria dos casos, a genese espiritual d'onde provém.

Ramalho Ortigão foi bem e em verdade um preclaro representante da sua epocha mental; Vós, seus socios de Escóla e companheiros das veladas celebres, no aristocratico *Braganza* e na democratica *Perna-de-Pau*, ao{8} lerdes este escripto, regressareis momentaneamente a essa já affastada quadra, em que o *espirito* esfusiou na troca de pontos-de-vista sobre as questões mais variadas e mais complexas que commoviam, então, a humanidade pensante. E, depois da visita retrospectiva a esse tempo saudoso, demorareis a vossa attenção, liberta de qualquer facciosismo, no quadro que nos offerece o Portugal de hoje e... concluireis.

A theoria da «Arte pela Arte», onde a vossa Escola entroncava, conduzia o artista em geral, e muito particularmente o homem-de-lettras, á inteira despreocupação do significado moral da sua obra e das consequencias que d'ella resultariam para a vida pratica. Ia-se mais longe: essa vida pratica inspirava o maior dos despresos e tanto que, para muitos, elle chegou a ser formulado no seguinte paradoxo—o pensamento jamais poderá influir na vida pratica!

«O unico dever do philosopho, do poeta, do auctor{9} dramatico e do romancista—diz-nos T. de Wyzewa, n'um estudo sobre o *Disciple*—era procurar exprimir plenamente as suas ideias, os seus sentimentos, os resultados da sua observação ou da sua phantasia

sem se preocupar com os vãos e estúpidos lamentos do cego rebanho dos «moralistas» de qualquer proveniência e feitio».

A grande massa dos leitores portugueses dos livros de Oliveira Martins, dos romances de Eça e das *Farpas* de Ramalho não tinha a preparação suficiente para distinguir um *processo artistico* nas malhas tecidas com oiro d'aquelles trechos lapidares. Direi mais: a maioria dos leitores dos romances de Eça perdia o fio da efabulação, levada, attrahida como que n'uma suggestão hypnotica pelo pormenor picante que lhe passava, nos lombos, um arrepio delicioso...

Quem viu na *Reliquia*, por exemplo, o castigo da hypocrisia e a reabilitação do hypocrita quando se decidiu a trabalhar e a pôr de banda a mentira?^{10}

E, sem contestação, se não fosse este tenue veiosinho doutrinário (e, é claro, aquelle assombroso *sonho* palestiniano, inspirado, talvez, na vulgarisação d'um evangelho apocrypho por Petruccelli della Gattina) o que ficaria d'essa colossal *Reliquia* senão o monumento mais monstruoso, mais gratuito e mais perversamente levantado, pelo genio, á indignidade das letras?

De fórma que esses livros, peccando pelo que em si continham de pernicioso, lançados para um *meio* que não sabia dar-lhes o desconto das demasias, duplamente eram perigosos.

Pois padece duvida que a concepção dos nossos deveres e direitos nos advém das emoções estheticas ou intellectuaes que os Mestres verteram com subtileza e tacto, atravez das suas obras, no nosso espirito ávido de luz?!

E não é certo que essas emoções serão tanto mais^{11} fortes e duradouras quanto mais bello e paramentado de atavios seja o seu fautor?!

Da obra hegemonica (e chamo-lhe assim porque a obra-de-regresso é pequena e tardia) d'estes tres grandes vultos litterarios, a

de Ramalho, sendo talvez aquella que mais influencia teve por—pela sua indole e facilidade de aquisição—penetrar n'um maior ambito de ledores, em todo o caso, é a que menos presta o flanco ás tremendas responsabilidades de ter fomentado este estado de espirito e de factos que caracteriza a Actualidade Portugueza.

O Sr. Dr. Ricardo Jorge, n'um, como todos os que da sua penna diamantina saem, estudo magistral ultimamente publicado sobre o illustre morto, diz-nos:

«Ramalho, o censor, alía n'uma congruencia equilibrada o cosmopolitismo ao congenialismo; domina-o o instincto racial e topico...», profunda observação, d'um analysta consumado, que explica muitas das passagens,{12} se não todo o recheio d'este desataviado escripto, que a Vós, meus senhores e amigos, dedico, porque de Ramalho fostes socios e companheiros, esperando que, ao lê-lo, n'elle reconheçaes (como para si desejava Louis Blanc) o *accento d'uma voz sincera e as palpitações d'um coração sedento de justiça*.

1915, 2 de Des.º

H.{13}

«As Farpas eram iconoclastas: vinham para dismantelar os bustos olympicos, deviam deixar aos S. Paulos o cuidado de plantar as cruces.»

EÇA DE QUEIROZ (*Carta-biographia de Ramalho Ortigão*).

A morte de José Duarte Ramalho Ortigão, um dos ultimos sobreviventes d'uma grande geração de espiritos altos, suscitou um movimento quasi unanime de sympathia, de piedade, de saudade e de admiração (que é consolador enaltecer e util conservar de memoria) por esse glorioso escriptor e por esse grande homem de bem.

Quando, em 1878, Eça de Queiroz escrevia, de Newcastle, a Joaquim de Araujo, aquella tão conhecida e tão citada carta, que constitue a biographia do espirito de Ramalho Ortigão, essa biographia ficou definitivamente feita; tudo o mais que se lhe accrescente—e bastante se tem escripto—não passa, em ultima analyse, de sabias e eruditas variações sobre aquelle *leit motif*.

De modo que todos esses artigos, alguns celebres, servem mais para determinar o estado-d'alma dos seus auctores—o que é convenientissimo para a historia litteraria—do que propriamente para subsidiar a obra e os intuitos do auctor das *Farpas* e da *Hollanda*. O que Eça de Queiroz, com a percuciente e genial agudeza do seu engenho, não podia, ha 30 annos, determinar: era quaes fossem os motivos de ordem intellectual^{14} e moral que haveriam de transformar o vibrante pamphletario d'então, no corajoso, no desassombrado, no vibrante auctor do *Rei D. Carlos, o Martyrisado*. E o que, talvez, elle ainda menos podesse, era demarcar o caminho, a trajectoria que haveria de percorrer um *espirito educado já fóra do catholicismo e do romantismo ou tendo-se emancipado d'elles, reclamando-se exclusivamente da Revolução e para a Revolução* até talhar, para mortalha do seu despojo terreno, o habito d'uma ordem monastica!

Gloria a Deus por ter consentido que, no anno da Graça de 1915, me fosse dado lêr na *Capital* (28 de Setembro):

«Ramalho Ortigão é ainda uma figura a estudar e na mudança das suas opiniões cumpre não ver causas e intuitos que lhe deprimam o character».

Julio Dantas, na *Illustração Portuguesa* (n.º 503 de 11 de Outubro) escreve:

«... era a affirmação veemente d'um character cheio de elevação moral, de nobre independencia e de orgulhoso desprendimento».

E Lopes de Mendonça, em nome da Academia das Sciencias de Lisboa, pronuncia, sobre o caixão, que vae desaparecer para sempre, palavras repassadas de sentimento:

«A sua vida de trabalhador honrado foi um exemplo e um estimulo... Chegou-lhe a hora da paz imperturbada. Quando nos couber a vez de a compartilharmos que seja tão serena, como a d'elle, a nossa consciencia.»

São testemunhos insuspeitos e por isso não é demais celebrar-lhes a nobreza e a sinceridade, quando lhes seria mais commodo remetterem-se, no capitulo da mudança de opiniões,^{15} a um discreto silencio ou explical-a physiologicamente pela cachexia senil.

A lição a tirar dos trechos citados, e de muitos outros que seria prolixo accumular, é a respeitosa, a enternecida unanimidade de pareceres sobre a perfeita hombridade civica e moral de Ramalho Ortigão até aos ultimos instantes da vida, porque, quando nos chegar a vez de compartilharmos a paz imperturbada, que a nossa consciencia seja tão serena como a d'elle!

Mas não foi só Ramalho que mudou de ideias, regressando a principios de conservantismo; foram ainda outros que, tendo feito uma larga obra resultante da emancipação do catholicismo e do romantismo, reclamando-se exclusivamente da Revolução e para a Revolução, mudaram tambem.

Oliveira Martins: o demolidor formidavel do *Portugal Contemporaneo* e de tantos outros libellos que lançaram na alma da mocidade portugueza as duvidas mais crueis sobre os nossos destinos como nação: baralhando, anarchisando, com a magia

incomparavel da sua penna de escriptor eximio, as vagas ideias que nos tinham ministrado... Oliveira Martins, o engrandecedor do poder real, o ministro da corôa mais consultado e ouvido, quasi um cortezão, decididamente votado ao principio conservador, demais a mais morrendo como catholico:

Confessado e commungado
Como a bom christão cumpria!...

Eça de Queiroz: o supremo Eça, o glorioso, o quasi divino Eça—o Maior—aquelle que mais venenos propinou nas^{16} particulas eucharisticas dos seus romances e dos demais escriptos! Eça, a esboçar uma obra de reabilitação moral, Eça conservador, catholico ou, como tal, recebendo os sacramentos antes de deixar este mundo...

Fialho de Almeida: o tremendo fundibulario dos *Gatos*, o genial garoto que fez da linguagem uma funda tosca de barbantes rijos com que atirava calhaus mortiferos a toda a Ordem estabelecida... Fialho, volver-se um dia, destemido campeão d'essa Ordem e enfileirar na primeira linha dos poucos atiradores que ousavam combater o existente portuguez, erguido sobre o montão de ruinas que elle tanto ajudara a cimentar...

*
* *

Como se operam estas transformações radicaes e, por assim dizer, diametralmente oppostas na geometria das ideias e dos sentimentos?!

Para os espiritos-fortes, para aquelles a quem, por causas multiplas, apraz ainda—e talvez definitivamente—cortejar o estado de coisas derivado do encyclopedismo d'onde a Revolução proveio e do romantismo, que se lhe seguiu e que ainda hoje preside aos destinos dos povos, sob a fórmula do parlamentarismo e do governo das maiorias, para esses espiritos cegos, surdos e encerrados dentro do collete de forças do seu feroz dogmatismo, duas theorias

explicam estes retumbantes regressos, estas conversões escandalosas aos princípios conservadores em política, coincidindo, na maioria dos casos, com o regresso á ideia mística e á pratica cultural da religião.

São ellas, primeira: o fundo de misticismo atavico de que^{17} cada um de nós é provido e que, podendo conservar-se latente por dilatados annos, um dia, pelos motivos mais futeis ou mais interesseiros, desabrocha, transformando o individuo, até ahi civilisado e dirigente, n'um ser subalterno, inferior, n'um sem-valia quando não n'um mistificador. A segunda, a theoria preagonica, que vem a ser: a influencia terrorista exercida pelo tumulto (com a ajuda de suggestões familiares...) em individuos enfraquecidos por a idade ou por achaques e que, *à tout hasard*, tratam de se pôr de bem com o Eterno e com o prior da sua freguesia, não vá o diabo colhel-os de surpresa...

Claramente: Pasteur, de Quatrefages, o P.^e Secchi, Claude Bernard, que gastaram a vida a perscrutar os mysterios da sciencia na microbiologia, na paleontologia, na astronomia, na phisiologia, estavam inquinados do virus que lhes viera do berço.

A cohorte formidanda d'aquelles que, todos os dias, se convertem ao principio conservador e religioso, e que em França constitue o melhor da sua intellectualidade, essa indubitavelmente foi picada pelo microbio tumular do medo...

Quando Balzac—o mestre incontestado do romance naturalista moderno—gravou na primeira pagina da *Comedia Humana*: «J'écris à la lumière de deux verités éternelles, la Monarchie et la Religion», alguém, d'entre os livres-pensadores hodiernos, terá sombra de duvida em o declarar atacado, damnado por essa dupla phobia que perennemente se exhala do berço e que a tumba perennemente exhala?!

Mas estas duas theorias—chamemos-lhe, já agora, microbianas—parecem-me inconsequentes se observarmos o movimento^{18} intellectual que vae na esteira dos grandes convertidos e que se

accentúa, d'um modo patente, nas escholas de direito, nas de medicina, nas de letras, nas de sciencias sociaes... O individuo isolado desdobra-se em legião, transforma-se em grey, escreve um evangelho, fórma um corpo de doutrina. Ora, a doutrina não tem berço d'onde se desprendam miasmas herdados e não tem coval d'onde se ergam espectros terroristas do Além...

Inconsequentes, ainda, se attentarmos em que o fundo de misticismo atavico religioso apenas se accentuou, com incremento que em cada dia augmenta, ha uma duzia de annos. Então, as influencias misticas do berço e as influencias preagonicas não incidiam (se não por excepção) sobre os individuos de 1890, por exemplo, e determinam reviravoltas subitas e ruidosas nos individuos de então para cá?!

Porquê?

Entre nós, estes phenomenos mais ou menos retumbantes, mais ou menos silenciosos, de regresso ao conservantismo politico e religioso, toma um character de particular importancia digna de estudo e, quer-me parecer, de limpidas conclusões.

Os espiritos que mais influiram sobre a mentalidade portugueza das ultimas decadas—os nossos super-homens—foram: Anthero, Camillo, Theophilo, Junqueiro, Oliveira Martins, Eça, Ramalho, Fialho, a quem, ainda poderemos juntar, embora a sua acção fosse menos profunda por agir sobre um publico mais restricto, mais especializado, José Pereira Sampaio (*Bruno*), Basilio Telles, Antonio Candido.

D'estes tres ultimos, direi, summariamente, que Bruno, depois de exercer uma acção mediadora, de grande nobresa^{19} e isenção no regimen de que fôra um dos corifeus mais cotados, se entregou a um mutismo descoroçoado de desilludido, de incomprehendido...; que Basilio Telles, chamado a collaborar pessoalmente nos successivos governos que a sua acção de publicista illustre ajudou a collocar da Arcada do Terreiro do Paço, se limita a escrever uma carta de recusa e a deixar-se quieto na sua thebaida portuense...; e

que Antonio Candido, depois de enriquecer com o mais prodigioso verbo—que jamais ouvidos de Portugal ouviram—todas as tribunas onde a eloquencia alta pode ter assento, se recolheu ao eloquente silencio dos vencidos... na torre-de-marfim dos seus affectos e das suas recordações.

Dividamos os restantes em dois grupos. No primeiro—o dos poetas e phantasistas—collocaremos Anthero, Junqueiro, Camillo, Theophilo; no segundo—o dos propriamente criticos—Oliveira Martins, Eça, Ramalho, Fialho.

Propositadamente, colloquei o Snr. Dr. Theophilo Braga entre os poetas e phantasistas, porque, embora a sua obra poetica seja menos conhecida que os seus trabalhos de construcção historica, é certo que o fundo impulsivo de sensibilidade do vate e do phantasista transparece, como o azeite, á tona de toda a sua obra de racionalismo e de critica atravez da copiosa collecção dos seus escriptos do polygrapho eminente.

O Snr. Guerra Junqueiro, depois que escreveu *A Patria*, penso que não póde, com direito, infileirar entre os profissionaes da observação e da dedução critica. Fica, e esta gloria lhe bastará, um dos mais extraordinarios poetas de que Portugal se possa orgulhar.

{20}

Qualquer dos dois permanece, e bem, no seu posto das avançadas romanticas da politica e no soberbo affastamento das religiões. Não foram inoculados nem pelos microbios que saem do berço nem por aquelles que o medo da outra vida labora nas tumbas.

De Camillo, o mais assombroso dos romancistas portuguezes e aquelle que, com Castilho, possuiu o mais surprehendente vocabulario de que ha memoria, de Camillo—o Principe—ninguem, com propriedade, poderá dizer que fosse, nos dominios da Sociologia, mais do que um insigne *dilletante*. Creio mesmo que nunca curou de politica ou, se o fez, foi incidentemente e sem consequencias de maior para os leitores da sua obra.

Quanto a Anthero, a sua acção combativa, e portanto critica no ambito da materialidade das ideias, vae-se diluindo, diluindo até encarnar soberanamente nas roupagens hieraticas da Ideia-pura dos seus sonetos... sem parceiros.

Camillo e Anthero mataram-se, levando, para o Além, o segredo não devassado dos seus ideaes politico-religiosos.

Restam-nos os quatro mestres cujo influxo mais vibrantemente foi decisivo para as successivas gerações que lhes libaram o ensinamento.

Oliveira Martins, Eça, Ramalho, Fialho, todos e cada um foram bem por excellencia os espiritos mais desanuviados de poeiras sentimentaes, que embotam de qualquer modo a subtileza do tacto e empanam a transparencia das lentes de que carece o investigador da vida social para poder escalpelál-a com segurança e justeza.

Sob este ponto de vista de ausencia sentimental, foram^{21} perfeitos, foram impassiveis, foram observadores estremes e, por isso mesmo, a sua conversão aos principios conservadores tem summa importancia. Ella ajuda a firmar, com exemplos de tão incontestada, de tão preclara grandesa, a theoria do «*regresso ao tradicionalismo por meio do positivismo*».

*

* *

Esta theoria deriva, sobretudo, da attitude que um dos maiores espiritos—orgulho da França e da Humanidade—tomou depois de assistir aos desmandos da Communa que assolou Paris apoz a guerra franco-prussiana de 1870.

Escusado seria dizer que se trata do philosopho positivista Hypolito Taine.

Este cataclysmo sem nome, que a grande cidade soffreu, levou o insigne philosopho dos *Ensaio de critica e de Historia* e da *Historia*

da *Litteratura Inglesa* a construir a sua obra monumental: *As Origens da França Contemporanea*.

Esta serie de volumes, que é o libello accusatorio mais extraordinario, mais vehemente e mais irrespondivel contra o espirito jacobino de 1789 e ao mesmo tempo, portanto, o mais eloquente padrão levantado ás ideias conservadoras, advém, segundo a limpida expressão de Bourget, da *attitude mental d'un positivista apoiada sobre factos*.

É preciso dizer que Taine morreu sem se ter convertido, ao menos ostensivamente, nem aos principios monarchicos nem aos religiosos.

Taine, ainda muito novo, quando escreve, chama aos seus^{22} escriptos: «as minhas experiencias»—é um positivista de cérebro e coração seguro e sincero; tambem as *Origens* foram o inicio d'um nunca-acabar de publicações, livros, monographias, artigos de jornal e de revista, reveladores d'uma erudição cuidada bebida nos mais seguros documentos, que jaziam empoeirados nos archivos publicos e particulares e que formam, hoje, um corpo de doutrina que refaz inteiramente aquellas velhas noções que, ha 30 annos atraz, nos ministraram sobre a grande Revolução e os seus homens.

As *Origens* e as publicações que na sua esteira viram a luz atravessaram, naturalmente, os Pyreneus e chegaram a este quadrilatero occidental. Encontraram-nos ainda aturdidos com a oratoria de Mirabeau e a do Snr. Dr. Sebastião de Magalhães Lima que, com poucas duzias de vocabulos contanto que entre elles se escalonem: a liberdade, Danton, a igualdade, a soberania popular, o supremo architecto, os reis esfolando o povo e mais coisas semelhantes, é capaz de fazer um discurso de duas horas cheio de eloquencia e de vacuidade.

E os positivistas de cá principiaram tambem a fazer as *suas experiencias* e verificaram, com espanto, que nós ainda não tinhamos uma communa, mas que agigantadamente caminhavamos

para ella e que—horror!—eram elles com os seus excepçionaes talentos, com os seus maravilhosos livros, com os seus artigos de mestre, quem mais concorrera para a anarchia das ideias e para o quietismo n'essa anarchia, onda de lama que subverteria tudo, sob a formula, propheticamente visionada por Eça, da *balburdia sanguinolenta*...

Os poetas e os phantasistas não tiveram consciencia nitida das suas responsabilidades, quiçá não viram a caverna^{23} temerosa que ajudaram a abrir, talvez que ainda a não vejam; mas elles, sim, que estavam acostumados a palpar a vida friamente, impassivelmente, como cirurgiões de sentimentalidade embotada e fizeram alto.

E, como se tratasse de gente de escól, esses quatro homens não se limitaram a parar, regressaram..., cada um d'elles obedecendo á *attitude mental d'un positivista apoiada sobre factos*. Regressaram ao *tradicionalismo* pela via do *positivismo*.

*
* *

É rematadamente paradoxal a theoria bastas vezes preconizada, e agora a proposito de Ramalho Ortigão novamente posta a lume, de que é preciso que *um homem superior morra como viveu para credito do seu nome e honra da sua memoria*; porque, ideologicamente, collide com a evolução do pensamento e porque, materialmente,

... *quand l'homme change sans cesse,*

se torna difficilimo, senão impossivel, assentar qual o momento preciso da vida em que o seu modo de pensar e agir seja a expressão definitiva que traga para o seu nome e para a sua memoria as devocinaes e *unanimes* consagrações do credito e da honra.

Assim, Victor Hugo, por exemplo deveria viver a sua longa vida a cantar *L'Enfant du Miracle* e as *Vierges de Verdun* ou seria mais

consentaneo com a sua dignidade jaser inhumado nos arminhos de Par de França da Monarchia de{24} Julho?! Certamente que a phase republicanissima d'aquelle grande espirito é a que mais convém...

E, em todo o caso, nem os partidarios da realesa do Conde de Chambord nem os da monarchia orleanista pensaram da mesma fórma.

De igual modo, Ramalho Ortigão não perdeu o credito do seu nome e a honra da sua memoria por ter evolucionado no sentido conservador politico e religioso.

Antes, como bom positivista, de bem equilibrado espirito, de mente sã em corpo são, de character diamantino e avesso a ambições que lhe podessem empecer os movimentos de homem livre e forte, a sua attitude tem um significado inilludível e reveste-se d'uma grandeza que aureóla de luminosos nimbos o seu nome e a sua memoria.

Elle lá tinha o summo-sacerdote da sua egreja philosophica—esse austero Comte—a ensinar-lhe o caminho, quando expressamente se refere á disciplina moral que á humanidade advém da doutrina catholico-romana e, por decerto, relendo o volume que, no *Regime Moderne*, Taine consagra á Egreja, o seu espirito amadurecido e adextrado na algebra das ideias reconheceria a força constructiva da Unidade Catholica (perante o vacuo que o seu desaparecimento causaria) nas palavras d'esse philosopho, que todos os seus biographos dão como um dos mestres do seu espirito:

«Nem a razão philosophica, nem a cultura artistica e litteraria, nem mesmo a honra feudal militar e cavalheiresca, nenhum codigo, nenhuma administração, nenhum governo são capazes de substituil-a n'esse serviço.»

O futuro biographo de Ramalho Ortigão terá, no entanto,{25} de responder a algumas perguntas—indispensaveis respostas para o integro conhecimento do espirito d'este illustre morto—que não

deixarão de levantar-se-lhe ao compulsar a sua obra de escriptor e de homem.

Occorrer-lhe-ha: se a sua conversão ás ideias conservadoras em materia politica e religiosa representa uma verdadeira apostasia ou será antes um regresso não tanto ás ideias alheias como ás suas proprias?!

Occorrer-lhe-ha: se a obra demolidora das *Farpas* foi bem comprehendida nos seus intuitos ou, antes, se os leitores ingenuos não tomaram sempre como verdades eternas o que, no fundo, não passava d'um processo superficial que propositadamente apouca ou desmesuradamente amplia os assumptos versados, contanto que o espirito, a *verve*, a ironia, o *humour*, espirrassem de cada pagina; n'uma palavra, se as *Farpas* foram lidas (como, aliás, o seu auctor entendia) como obra de espirito *que faz ver os objectos, critical-os, fóra das correlações geraes, d'um modo imprevisto, disforme e comico...*

Occorrer-lhe-ha: se a transformação das ideias do insigne escriptor é phenomeno de fresca data—com o advento do Snr. Conselheiro João Franco aos conselhos da corôa, como muita gente pensa—ou se já se vem operando de longe, lentamente, com segurança e criterio justo...

Compenetrado da obrigação moral de responder a estas questões, ao futuro biographo, se leu a obra do seu biographado *dentro das correlações geraes*, grandes surpresas se lhe levantarão.

E, como preparo, como viatico fortificante para esta viagem de historia e de critica, embeber-se-ha nas paginas augustas^{26} da já, e nunca assaz, citada carta do Eça-de-1878 e, ahi, verá as tendencias iniciaes de Ramalho Ortigão, antes da publicação das *Farpas*.

Paris, «o Paris do *chic*, das *cocottes*, das operetas, dos *boursiers*, dos *jockeys*, das dansarinas e dos pequenos tyrannos deixara-lhe nos olhos e no espirito um grande deslumbramento: se lá se

estivesse estabelecido então, teria escripto, com fervor, no *Figaro*; teria ido todas as tardes ao *Bois* curvar o espinhaço diante da libré verde e oiro do personagem taciturno e caquetico que então dominava o mundo... Em Portugal... dizia-se conservador... detestava a Democracia porque lhe supunha caspa... e se não era inteiramente devoto, achava a religião um accessorio indispensavel ao homem bem educado; e preferiria decerto ter escripto a *Familia Benoiton* a ter composto os *Lusiadas*.»

Urge não esquecer que estas truncadas linhas são da penna de Eça, aquelle, d'entre os escriptores portuguezes, para quem o *termo* tinha, dentro da *sua arte*, uma significação propria, insubstituivel e que elle não sacrificava nem ao talhe aristocratico do periodo nem á phonia de tão grandes effeitos da sua prosa: *aquella extraordinaria geração vinda parte de Coimbra, parte de aqui, parte de acolá*, propunha-se, antes de mais nada, para a propugnação das novas ideias, acabar com a rethorica. D'ellas, das palavras transcriptas, pode, portanto, concluir-se que Ramalho Ortigão quando abandonou o Porto e veio para Lisbôa (e já não era nenhuma creança) tinha grandes predilecções pelo exhibionismo dourado do 2.º imperio, representado na sumptuaria elegante e custosa de que era symbolo magnifico a volta consuetudinaria *autour du lac*; que^{27} se dizia conservador em politica detestando a democracia; que, em materia religiosa, não sendo *inteiramente* devoto, estava por isso mesmo longe de ser *inteiramente* o contrario; e, finalmente, que em litteratura preferia o leve modelo parisiense a toda a obra dos mestres até então consagrados... Permanecia, no entanto, um escriptor de «estilo vernaculo, quinhentista, arcaico, obsoleto: exprimia as suas preferencias de *boulevard* na linguagem de Bernardes...»

O estilo é o homem. Tal era Ramalho Ortigão pela volta dos 32 annos.

As *Farpas* deveriam apparecer 3 annos mais tarde; mas antes d'esse apparecimento, Eça de Queiroz já entrevia na *Visita de*

Pesames (das «Historias Côm de Rosa») o *realista*, o *caricaturista*, com os *processos quasi scientificos do escárneo*.

Vieram as *Farpas*. Como?! «O grande successo da Lanterna tendo posto á moda, como *systema*, o *riso de opposição* deu, talvez, origem ás *Farpas*.»

Temos d'este modo, pelo auctorisado testemunho do collaborador emerito e do melhor amigo de Ramalho, a *psycologia* d'esses pamphletos de retumbantes exitos e de immarcescivel graça, em que o bom-senso, o bom-gosto e a visão certa das pessoas e das coisas teem uma parte consideravel; mas cujo fundo é feito pelos *processos quasi scientificos do escarneo*, mercê da *moda* arvorando, como *systema*, o *riso de opposição*.

A espessa ingenuidade (chamemos-lhe assim) talvez do maior numero dos leitores d'esses fasciculos celebres não comprehendeu essa *psycologia*; antes tomou á letra tudo quanto a inexhaurivel caudal de violenta ironia lhes proporcionava...{28} não vendo, muitissimas vezes, n'uma palavra—adjectivo ou adverbio—a negação patente de toda aquella logica de desenfastiado *dilletante* cheio de saúde de corpo e alma.

Tomemos, ao acaso, aquella deliciosa *Carta ao Principe Snr. D. Carlos*, escripta em 1883.

Quem d'ella se lembrar (e eu creio que quem alguma vez a leu jámais a esquecerá) talvez se recorde de ter concluido que ao Senhor D. Carlos proporcionaram seus Augustos Paes, com uma detestavel educação, uma instrucção sob todos os pontos lamentosa: maus compendios, maus mestres, processos atabalhoados, humanidades em demasia, *syntheses biologicas e chimicas* postas de banda, todo o *systema* comteano feito n'um frangalho... um pavor!

Cheguemos a 1908 e abramos o *Rei D. Carlos, O Martyrisado*:

«Foi elle que, em successivas viagens a nações estrangeiras, *pela variedade dos seus conhecimentos e das suas ideias geraes, pela facilidade em fallar as linguas, pelo envolvente encanto do seu trato...*»

«Foi elle de todos os poderes do Estado *o que mais se interessou pela cultura e pelos progressos da sciencia moderna.*»

«*A especialisação scientifica* é um dos seus titulos á consideração do futuro...»

«*A sua obra de naturalista...* faz subida honra ao seu methodo scientifico e *á gravidade dos seus estudos...*»

E ainda diz que El-Rei D. Carlos, com a sua contribuição scientifica, concorre *com companheiros* que se chamam Humboldt, Darwin, Jussieu, Agassiz, Geoffroy Saint-Hilaire.»

Estou d'aqui a ouvir estrondosamente saltar, da bocca de^{29} cada um dos leitores, um argumento decisivo e pesado como cylindro de granito sobre a miseranda pedra-britada de pareceres tão contradictorios, o qual vem a ser que entre 1883 a 1908 decorre um quarto de seculo e que Ramalho mudou de ideias, tendo-se feito corteção.

Puro engano!

Volvamos a 1883. O Senhor D. Carlos vae partir para o estrangeiro e quem o acompanha é Antonio Augusto de Aguiar.

Que esfusiar de ironias!

«É este homem que vae ser o real olheiro de Vossa Alteza... Um olheiro de galochas de borracha na vista!; um olheiro que vae para ver tudo e que a si mesmo se não viu nunca senão até metade do ventre porque da outra metade até aos pés principia para o seu raio visual o hemispherio do grande indecifavel, do eterno

incognoscivel!»; e mais e muitos mais epigrammas. Logo a seguir, porém, n'uma transição brusca:

«E todavia é possível que o *veneravel sabio* venha a abusar um pouco do algebrismo technico da sciencia que tão *gloriosamente* professa...»

Oh! Senhores! Pois se a familia real portugueza entregava o seu primogenito aos cuidados d'um *veneravel* e, demais a mais, *glorioso sabio* para o guiar n'essa viagem de estudo, especie de complemento aos trabalhos theoricos de gabinete, que até então o tinham occupado, que prova mais frisante do cuidadoso disvelo que presidiu á orientação espiritual dada ao Principe herdeiro?!

É inutil dizer que Aguiar não era só um chimico illustre; era um homem d'uma cultura superior em qualquer parte do{30} mundo e nem mesmo lhe faltava o apreço pelas formulas mundanas e até um leve sybaritismo que tornava a sua convivencia encantadora e brilhante.

Ainda a escolha de tal homem, se nos lembrarmos de que collaborára na *Democracia* de José Elias e que precedera o Snr. Dr. Bernardino Machado, e outros não menores liberaes, no grão-mestrado do Grande-Oriente, responde, de irrefutavel maneira, á ironia das *Farpas* no respeitante á educação acanhada e beata que (segundo ellas) era dada ao Senhor D. Carlos, de modo a tornal-o uma espécie de *Rosière de Nanterre*...

Mas, para o maior numero dos leitores não eram estas patentes considerações que prevaleciam, mas as que antitheticamente ali se expunham, *com os processos quasi scientificos do escarneo, com o systematico riso de opposição*:

«Os pedagogos de V. A. educaram-o dentro da virtude, mas fóra da natureza.»

E esses leitores ficaram inteirados.

Pois esta especie de *satisfação justiceira* feita pelo pamphletario á sua propria consciencia de homem de bem, repete-se muitas e muitas vezes ao longo das *Farpas* e o futuro biographo, para quem estou garatujando estas linhas subsidiarias, não deve perdê-la de vista, porque n'ella encontrará o filão que o leve a concluir que a attitude de Ramalho, tão retumbantemente posta a nú nos ultimos tempos, não só vinha de longa data, como derivava d'uma tendencia espiritual de inicio, que foi desviada pela leitura—talvez levemente diffusa—dos scientists modernos e pelo *meio* em que a sua actividade lettrada se expandiu durante um largo periodo.^{31}

Para esses leitores d'então, e que hoje andam na volta dos 50, elle devia viver muito de mal com Deus, porque nas *Farpas* andava de velha rixa com os homens em geral e, em particular, com o sr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello e com o cabido da Sé. Deveria ser um homem temeroso que—ou só ou de parceria com um tal Eça de Queiroz que se encostava ás portas da Havaneza vestido de lagarto com um vidro entalado n'um dos olhos—ria, chasqueava de tudo e de todos n'uma irreverencia de demolição; esfarrapando, hoje, o *cache-nez* do Snr. Duque d'Avila; desfazendo, ámanhã, a maleta philosophica com que viajava S. M. o Senhor D. Pedro de Alcantara; dizendo, no outro dia, as maiores barbaridades sobre o sangue e manhas das pilecas que o Snr. Conde de Sobral mandava correr no nosso Longchamps de Pedrouços; e hoje e ámanhã e sempre fazendo gala d'umas ideias e d'umas *toilettes* mirabolantes para a sociedade d'então que se sentia escandalizada... mortalmente.

Nós não viamos mais.

*

* *

O Centenario de Camões, em 1880 (que o partido republicano soube empolgar) encontra Ramalho Ortigão, pela acção effectiva que n'elle desempenhou, no apogeu da sua gloria de demolição monarchico-religiosa; quando duvidas houvesse lá está o prefacio da edição commemorativa dos Luziadas, mandada fazer pelo

Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro e lá estão as *Farpas* a attestál-o exhuberantemente.^{32}

Um revisteiro de habilidade levou para o palco, como *raisonneur* da sua *revista*, a figura saudavel, insolente de mascula compleição de Ramalho, tal qual a tinhamos visto, de jaquetão e chapéu de côco, alto, apumado, impassivel, enorme—n'aquella memoravel tarde de maio, gloriosa de sol, quando o cortejo camoneano serpenteava n'um halo d'entusiasmo pelas ruas de Lisboa—por entre a chusma negra das casacas (que ao tempo ainda não eram tidas exclusivamente como traje de noite, *evening dress*) dos caracteristicos e variegados capellos universitarios, das auriluzentes fardas do exercito e do alto funccionalismo.

Elle entrava, n'essa revista popular de theatrinho modesto, na figuração do *Bom-Senso*.

A *revista* teve um grande exito e não me custa a crer que, momentaneamente, Ramalho se sentisse lisongeados dos applausos que, em effigie, todas as noites lhe eram tributados pela massa soberana dos espectadores.

Se, porém, attentarmos nas suas predilecções espirituaes, na sua compreensão e exteriorisação do conforto e da elegancia, no aprumo da sua pessoa e grave gentileza das suas maneiras; se nos lembrarmos do seu rebarbativo orgulho d'intellectual que tem por obrigação lêr tudo, saber de tudo, com tudo entreter o publico, apoderar-se de todas as ideias, observar todos os phenomenos sociaes, criticar todos os usos, sorrir de todas as gerarchias humanas, escarnecer de todos os ridiculos e ridicularisar todas as coisas; se nos compenetrarmos de que n'aquella, já agora celebre, agua-furtada da C. dos Caetanos vivia e laborava um homem de tão requintada sensibilidade espiritual e cuja philosophia tinha, antes, accentuadas,^{33} decididas preferencias pela endumentaria de Petronio e pela mesa de Lucullo, do que escopo na imitação das celebradas frugalidades e abstenções de qualquer especie dos *philosophos*, desde Socrates até ao Sñr. Theophilo Braga; então, não será demasiado adeantar que a sua figuração no *Tutti-li-mundi*,

com os *bravos* rascoeiros d'uma população anonyma e anodyna só momentaneamente o poderia lisongear. A sua ideosyncrasia suggerir-lhe-hia, antes, um vago desdem, quasi que um recondito incommodo, talvez a si proprio não confessado, por essa consagração de rua e de palco que não podia casar-se com o seu *grande-ar* de futuro e proximo frequentador do *drawing-room* da Senhora D. Maria Kruz e dos bailes no palacio Palmella.

Dois annos volvidos, o centenario pombalino, esse francamente radical, já o não encontra na brecha revolucionaria, ao menos, d'um tão ostensivo modo. Bem pelo contrario. É por demais suggestivo o n.º 1 da 4.ª série das *Farpas*, relativo a junho e julho de 1882. Esse fasciculo, de braço dado com o *Perfil do Marquez de Pombal*, de Camillo, deixou a memoria do ministro de D. José n'uma lastima.

A democracia portugueza entendeu apoderar-se do Marquez como lábaro de aspirações sectarias, anti-clericaes, por ter expulsado os jesuitas e decepado as cabeças d'uns tantos nobres— esquecida, a misera!, de que elle substituiu o favor até então disfructado pela Companhia de Jesus, ás graças dispensadas aos Oratorianos e á Inquisição (a quem deu o titulo de Magestade) e que os golpes vibrados aos membros da aristocracia redundavam n'um accrescimo de absolutismo para o poder real. Mas não é de Pombal que se trata, se não^{34} de Ramalho de 1882, perante a consagração centenaria que as avançadas liberalengas da epoca levaram a cabo com tanto entusiasmo quanta inconsequencia.

Todo esse fasciculo das *Farpas* é sobremodo notavel e presta-se a um desenvolvido estudo. N'elle, se patenteiam flagrantemente todas as qualidades e todos os senões do grande escriptor: a graça leve, a ironia funda, a incerteza moral, laivos tedientos de cansaço, assomos d'indignação, pontos de vista certos a espirrarem como faúlas brilhantes d'entre a caligem paradoxal. Para de tudo haver, n'esse supremo escripto, accentuadamente negativista, nem lhe fallece a nota prophetica: «*Emquanto á estatua do reformador, em que se falla como complemento do centenario, a cuja celebração acabamos de assistir, ella seria, se a fizessem, o monumento*

funebre elevado á morte da democracia ou á do senso-commum na sociedade portuguesa. Mas não a farão nunca. É já demais a do Terreiro do Paço para consignar a estima d'este povo pelo charlatanismo dos seus tyrannos».

«Mas não a farão nunca!» Já lá vão 33 annos sobre o dito e, se se não apressam, é natural que Ramalho tenha de subir á cathegoria de *propheta maior*.

Chegados a 1883, a *Carta ao Principe* é mais ainda um supremo adeus á satyra virulenta do que a obra magnifica d'um espirito cheio de seiva e alacridade, que joga esplendidamente com as palavras e com os conceitos para seu goso proprio.

Basta, n'ella, reler a passagem, sobre todas hilariante, que é a historia do principe Paulo no primeiro dia do seu noivado. Está na memoria de todos: as festas do consorcio principesco findaram «e o commandante da companhia dos vivos,{35} incumbido mediante a esportula de 3\$200 e jantar, de fazer de Povo nos dias de gala, havia terminado os seus trabalhos; o rei, com sua natural affabilidade, havia-lhe dito commovido, batendo-lhe no hombro e mettendo-lhe na mão os 3\$200: *Obrigado, meu Povo!*»

É, como resalta aos olhos menos habituados a vêr n'estes assumptos, tremendamente demolidor; Offenbach nunca fez mais nem melhor: toda a psychologia dos enthusiasmos populares, pelas alegrias e fastigio da realza, posta a nú n'uma dissecação anatomica perfeita...

Comtudo, o periodo não acaba ali; tem o leve berbicacho que segue; «e elle (o commandante dos vivos), com o vozeirão restaurado por duas gemadas, partira á pressa para ir levantar os vivos á Republica n'uma manifestação de provincia para que estava escripturado.»

Gela-se, talvez, o sorriso satisfeito d'aquelles que celebraram a primeira parte da oração, porque, se a logica lhes não fôr coisa omissa, encontrarão, n'esta segunda parte, motivos de sobra para o

conhecimento da psychologia dos *meneurs de vivorio e de morrorio* tão nossos conhecidos...

É um leve bisturi, bem afiado, de dois gumes.

No verão de 1886 (se não estou em erro) em Cintra, na quinta do Relógio, Ramalho dança, n'um *cotillon*, com a Senhora Duqueza de Bragança.

Os *Vencidos da Vida*, com excepção talvez do Snr. Guerra Junqueiro, são a nata da elegancia e do palacianismo; elle lá estava, no seu posto, ao lado dos companheiros de luctas demolidoras Oliveira Martins e Eça de Queiroz.

Em 1889, morrem o infante D. Augusto e o rei D. Luiz.^{36} As palavras que concede ao primeiro são repassadas d'uma ternura tão recatada que parecem escriptas no proposito de dizer á gente: Olhem que não fui eu quem suggeriu e, menos, escreveu no *Album das Glorias* (de que fui é certo, collaborador momentaneo) aquella *charge* tremendamente aggressiva: «Nasceu (e segue-se uma pagina de pontinhos) é infante e general.»

Quanto ás paginas que dedica a D. Luiz, termina-as com as palavras da biblia: «Ouvimos, porém, que os reis d'essa casa teem por si a clemencia», dizendo que elle as merece *aos seus mais encarniçados detractores*...

É que «o seculo XIX, chegado ao periodo senil do seu termo padece (palavras de Ramalho) a apathica e sombria enfermidade de todas as incertezas moraes.»

Foram a essas *incertezas moraes* que tanto elle como os companheiros de criterio positivista fugiram ou tentaram fugir, pelo regresso a ideias e praticas que, n'um dado momento da vida—e, meu Deus, no momento em que cabouqueiros do Ideal de mais força dispunham para edificar—negaram inconsideradamente...

Mas o que é a Providencia!...

Os homens insignes, valentes Saúes, *que vinham para dismantelar os bustos olympicos*, não deixaram a outros o cuidado de plantar as cruces.

Elles proprios volveram-se Paulos, n'essa Estrada de Damasco que é feita de *factos*, de observações, de experiencias e da sua respectiva historia.

Elles é que plantaram as cruces.

13 de Novembro de 1915.

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK RAMALHO
ORTIGÃO ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic

works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or

with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- • You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- • You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and

discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.

- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY

DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur:

(a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can

be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.